

PENSANDO SOBRE ACESSIBILIDADE E TEATRO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA COM PESSOAS NEURODIVERSAS

*PENSANDO SOBRE ACCESIBILIDAD Y TEATRO A PARTIR DE
UNA EXPERIENCIA CON PERSONAS NEURODIVERSAS*

<https://orcid.org/0000-0002-9094-320X>  Fabricio Goulart Moser ^A

^A Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

Correspondência: Fabricio Moser (fabriciomoser@usp.br)

Resumo

Este texto refletirá sobre a interface teatro e acessibilidade tendo como referência uma experiência de criação e circulação teatral com um grupo de pessoas neurodiversas, em sua maioria no espectro autista, em 2017 e 2018, no Rio de Janeiro. Com o apoio de estudos teóricos se introduzirá algumas reflexões sobre esta interface para, em seguida, localizar o relato proposto dentro deste campo em formação. Na sequência se apresentará o grupo de teatro que inspira esta escrita, contextualizando o seu contorno institucional, o perfil de seus integrantes e, por meio de referências científicas, noções sobre autismo e neurodiversidade. Por fim, se situará o processo de montagem da peça *Coé meu irmão, bulliyng aqui não!*, comentando aspectos da sua circulação e algumas estratégias adotadas com o objetivo de tornar todo o processo mais acessível ao grupo de atores e atrizes neurodiversos.

Palavras-chave: Teatro; Acessibilidade; Neurodiversidade; Autismo.

Resumén

Este texto reflexionará sobre la interfaz entre teatro y accesibilidad, tomando como referencia una experiencia de creación y circulación teatral con un grupo de personas neurodiversas, en su mayoría dentro del espectro autista, en 2017 y 2018, en Río de Janeiro. Con el apoyo de estudios teóricos, se introducirán algunas reflexiones sobre esta interfaz para, luego, situar el relato propuesto dentro de este campo en formación. A continuación, se presentará al grupo de teatro que inspira esta escritura, contextualizando su entorno institucional, el perfil de sus integrantes y, mediante referencias científicas, nociones sobre autismo y neurodiversidad. Finalmente, se describirá el proceso de montaje de la obra *Coé meu irmão, bulliyng aqui não!*, comentando aspectos de su circulación y algunas estrategias adoptadas con el objetivo de hacer todo el proceso más accesible para el grupo de actores y actrices neurodiversos.

Palabras clave: Teatro; Accesibilidad; Neurodiversidad; Autismo.



A escrita deste relato reflexivo foi motivada por uma série de inquietações que nasceram quando conheci a proposta temática deste dossiê, que conforme anota em sua convocatória surgiu com o objetivo de enfrentar os “Desafios da Formação Profissional no Teatro Acessível”, em outras palavras, “pensar caminhos para a formação profissional acessível na área do Teatro”. Sendo eu ator, diretor, pesquisador e professor de teatro que há mais de quinze anos atua profissionalmente com públicos diversos, incluindo nisso pessoas neurodiversas e com deficiência, e em sintonia com os princípios da acessibilidade, me senti convocado a colaborar com a edição. Desse modo, me pareceu uma contribuição oportuna relatar e refletir sobre a interface teatro e acessibilidade a partir de uma experiência de criação teatral que dirigi com um grupo de pessoas neurodiversas, em sua maioria pessoas no espectro autista, e que circulou por distintos lugares do estado do Rio de Janeiro em 2017 e 2018.

Desse modo, no decorrer deste texto, introduzirei primeiro um diálogo sobre acessibilidade e teatro a partir de estudos teóricos, localizando neste campo de relações em formação a natureza e o sentido do relato reflexivo que está sendo apresentado. Em seguida, apresentarei o grupo de teatro com que vivenciei a experiência que motiva esta escrita, fundamentando, de um modo geral, o seu contorno institucional, o meu papel dentro deste contexto e o perfil de seus integrantes, abordando ainda, no mesmo momento, por meio de referências científicas, noções de autismo e de neurodiversidade. Por fim, situarei o processo de montagem da peça *Coé meu irmão, bulliyng aqui não!* e comentarei a sua circulação, elencando ao final do texto aspectos e estratégias adotadas durante este percurso com o objetivo de tornar ele mais acessível ao grupo de atores e atrizes neurodiversos envolvidos.

Esta escrita se pauta em bases teóricas pois tem a intenção de estimular de maneira assertiva professores de teatro a refletirem sobre as suas formas de atuação com as pessoas neurodiversas, especialmente no espectro autista, em conexão com o conceito de acessibilidade. Além disso, ao compartilhar estas ideias, noções e estratégias, espero ajudar outros profissionais das artes da cena a embasarem suas ações, projetos e obras de uma maneira mais acessível, e formar e atualizar atores, diretores, cenógrafos, figurinistas e dramaturgos com relação ao tema. O desafio de construir uma sociedade mais igualitária na atualidade nos convoca a um debate sobre a acessibilidade em todos os campos da cultura humana, inclusive o do teatro, uma das artes da cena que, historicamente, vem desde a modernidade desempenhando um papel estratégico nas lutas políticas e avanços sociais em direção a um mundo melhor e diverso.

Como a questão da acessibilidade permeia o debate político e sociocultural do nosso tempo, é tarefa urgente e, como bem observa o corpo editorial da edição, desafiadora, refletir sobre “formação profissional acessível na área de Teatro” ou acerca de um “Teatro Acessível”. Nem sempre compreendida em sua complexidade de maneira geral pela sociedade, a acessibilidade tem ampliado as suas relações com o campo das artes da cena nos últimos anos, em especial do teatro, e se tornou um assunto cada vez mais presente nos círculos de formação e fomento da produção brasileira, provocando reflexões, debates, projetos, soluções e obras. Qualquer valorização da diferença e da diversidade na sociedade contemporânea, no sentido de promover políticas de igualdade social para o manter o pleno estado democrático de direito, também passa pela conexão entre acessibilidade e teatro e de como ela será articulada pelos artistas em sua formação ética e pedagógica e na criação de suas poéticas, técnicas e estéticas.

Para atuar de maneira fundamentada com a noção de acessibilidade é preciso compreender o conceito de uma maneira muito mais ampla, múltipla e complexa, tal como nos apresenta o site da Universidade Federal do Ceará (UFC):

No senso comum, acessibilidade parece evidenciar os aspectos referentes ao uso dos espaços físicos. Entretanto, numa acepção mais ampla, a acessibilidade é condição de possibilidade para a transposição dos entraves que representam as barreiras para a efetiva participação de pessoas nos vários âmbitos da vida social. A acessibilidade é, portanto, condição fundamental e imprescindível a todo e qualquer processo de inclusão social, e se apresenta em múltiplas dimensões, incluindo aquelas de natureza atitudinal, física, tecnológica, informacional, comunicacional, linguística e pedagógica, dentre outras. É, ainda, uma questão de direito e de atitudes: como direito, tem sido conquistada gradualmente ao longo da história social; como atitude, no entanto, depende da necessária e gradual mudança de atitudes perante às pessoas com deficiência. Portanto, a promoção da acessibilidade requer a identificação e eliminação dos diversos tipos de barreiras que impedem os seres humanos de realizarem atividades e exercerem funções na sociedade em que vivem, em condições similares aos demais indivíduos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Disponível em: <https://www.ufc.br/acessibilidade/conceito-de-acessibilidade> Acesso em: 6 jul 2024)

São diversos os tipos de recursos usados para atender as múltiplas dimensões da acessibilidade e tornar os distintos âmbitos da vida cotidiana mais acessíveis as diferentes pessoas que compõem a nossa sociedade. Por exemplo, em sua dimensão arquitetônica, a presença de rampas em locais com escadas garante o livre trânsito de pessoas com mobilidade reduzida, como usuários de cadeira de roda, e em sua dimensão comunicacional, a legenda nos produtos audiovisuais assegura o acesso de pessoas com deficiência auditiva. Estes e outros recursos também vem sendo utilizados na experiência teatral nos últimos anos, por exemplo, espetáculos utilizam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ou a Áudio-descrição

para se tornarem acessíveis a pessoas com deficiência auditiva e visual. Estas estratégias atendem ao conceito de acessibilidade cultural que, conforme Paloma Rodrigues, em *Acessibilidade Cultural: articulações e reflexões na formação de professores em uma ação de extensão* (2018), pressupõe que as atividades artísticas e culturais, como as “peças de teatro”, “estejam ao alcance de qualquer pessoa” (p. 1).

Perante a Constituição do Brasil e suas leis as pessoas no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), como é tecnicamente chamado o autismo, são consideradas pessoas com deficiência, o que as assegura uma série de direitos fundamentais, como à recursos de acessibilidade para poderem viver plenamente em sociedade. O TEA ou autismo é uma condição neurobiológica que costuma ser caracterizada por algumas áreas do desenvolvimento humano que impactam significativamente a autonomia e a vida do indivíduo. Como explicam de maneira técnica os psicólogos e pesquisadores Micheline Silva e James A. Mulic, no artigo *Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas* (2009), “o diagnóstico de autismo é estabelecido com base em uma lista de critérios comportamentais” e, desse modo, envolve características das áreas “de interação social”, da “comunicação” e dos “comportamentos restritivos, repetitivos e estereotipados” (p. 118).

Há alguns anos a ciência vem falando em autismos no plural, que a pessoa está no espectro do autismo, pois não há um tipo único, ainda que hajam semelhanças o que existe são diferentes tipos, pois a sua manifestação é única e diferente em cada pessoa. Os recentes avanços políticos e sociais dos autistas em todo o mundo têm em um de seus principais pilares o movimento da neurodiversidade, algo que se consolidou com força a partir do fim do século XIX, com base em um termo cunhado pela socióloga australiana e autista Judy Singer, e que desde então mobiliza debates produtivos no meio acadêmico e na sociedade. Este movimento combate o estigma patológico que ainda hoje recai sobre as pessoas neurodivergentes e valoriza a conscientização da diversidade humana e das singularidades neurobiológicas de cada indivíduo, diferenças fazem parte da vida das pessoas e, por isso, devem ser respeitadas, como o Autismo, a Dispraxia, a Dislexia, o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), a Síndrome de Down, entre outras condições.

Quando se trata da interface teatro, acessibilidade e autismo, quando o objetivo é tornar a experiência teatral mais acessível a pessoas neurodiversas, geralmente se pensa neste público como espectador e se fala no modelo das “sessões azuis” – apresentações em salas

fechadas com adaptação dos estímulos sensoriais da peça, a luz e o som, que são convocados a funcionar sob tons e intensidades mais brandas. Ainda nestas propostas o elenco atua de uma maneira mais aberta a improvisação e a interferência do público, uma vez que se costuma permitir nestas sessões que os espectadores se locomovam em um certo espaço da sala do teatro, pois muitos autistas têm agitação psicomotora e podem ter que acompanhar o espetáculo de pé ou em movimento. A presença de pessoas neurodiversas na criação e produção das peças e a realização de atividades de sensibilização sobre o tema para artistas e espectadores também são estratégias de acessibilidade recorrentes na atualidade, recentemente outro tipo de ação que vem sendo realizada com o mesmo objetivo é a criação de espaços de regulação sensorial para estes públicos nos locais onde ocorrem algumas temporadas de teatro no Rio de Janeiro.

No caso deste relato reflexivo, a relação entre teatro, acessibilidade e autismo não tem como foco as questões relativas a participação deste público como espectadores da experiência artística, o enfoque são as estratégias de acessibilidade atitudinal, comunicacional e pedagógica adotadas com o propósito de tornar mais plena a participação destas pessoas neurodiversas no processo de criação e circulação do espetáculo. A peça *Coé meu irmão, bulliyng aqui não!*, foi criada com um grupo de jovens e adultos neurodiversos, em sua grande maioria autistas, no primeiro semestre de 2017, durante as aulas de teatro que eu conduzia semanalmente no Instituto Priorit, no Rio de Janeiro. O Priorit oferece atendimento transdisciplinar a pessoas no espectro autista e com outras condições neurobiológicas e eu comecei a atuar como professor de teatro neste contexto a partir do ano de 2012, me desliguei da instituição na metade de 2020 e retornei para atuar por mais um ano em 2023.

Este longo período de trabalho junto ao Priorit foi comentado com mais detalhes no artigo *Rascunhos sobre experiências com o teatro e o desenvolvimento de habilidades sociais no autismo* (2022), publicado na Revista Iaçá – Artes da Cena.

(...) ministrei aulas de teatro nesta instituição como uma atividade em grupo complementar as terapias individuais utilizadas com estes públicos, como a psicologia, a fonoaudiologia e a terapia ocupacional. Durante todo este período participei continuamente das reuniões de equipe, onde eram realizados estudos sobre o autismo, discutidos casos clínicos e os aspectos operacionais do trabalho transdisciplinar em uma equipe multiprofissional. As aulas de teatro eram semanais, com 45 minutos de duração, individuais ou em grupos de até 6 pessoas, sendo exceção os grupos de jovens e adultos que chegavam a 15 integrantes. Para ajudar na condução destas atividades se contava geralmente com monitores, universitários que participam desempenhando funções de mediação, modelo e apoio aos participantes. (MOSER, 2022, p. 97)

Neste artigo em particular, comecei a fundamentar uma proposta de aplicação do teatro em sintonia com um campo da psicologia, uma articulação teórico-prática criada com o objetivo de auxiliar as pessoas no espectro do autismo a desenvolverem as suas competências artísticas e sociais. Foi neste contexto, com um grupo de jovens e adultos para os quais eu dava aulas de teatro nesta época no Priorit, que criei e circulei com a peça *Coé meu irmão, bullying aqui não!* Inicialmente, o elenco era formado por cerca de 10 pessoas, em sua maioria autistas, homens e mulheres, sendo que depois, em um certo momento, esse número chegou a 16 pessoas, porém havia pessoas no elenco com outras condições neurológicas e ainda três monitoras/mediadoras. A maioria dos participantes já frequentava as minhas aulas de teatro há alguns anos e desde 2016 comecei a amadurecer com este grupo a ideia de montar uma peça de teatro com texto autoral: algo que se tornou concreto no início de 2017, quando houve um convite para que o grupo apresentasse uma peça em um evento acadêmico internacional sobre artes e ciências, que ocorreria meses depois na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Figura 1 – Recebendo os aplausos após a estreia na peça no Encontro de Artes Performáticas e (Neuro)Ciências, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, em 01/06/2017.



Fonte: Acervo Pessoal

Como boa parte do grupo ainda cursava o ensino médio, alguns o ensino superior e outros já eram formados, sugeri buscar o tema da peça na realidade concreta do ambiente de ensino e pedi que cada integrante do grupo relatasse algo sobre as suas experiências pessoais como pessoas neurodiversas na escola. Os relatos foram cartografados, anotávamos as experiências em folhas grandes, destacávamos as situações e palavras recorrentes, bem como traçávamos entre elas paralelos e conexões, sendo a experiência do assédio moral, o bullying,

a vivência mais comum para os integrantes do grupo. Através desta dinâmica surgiu o tema principal da peça *Coé meu irmão, bulliying aqui não!*, uma encenação que retrata o primeiro dia de aula de dois alunos neurodiversos, um no Espectro do Autismo e outro com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), em uma escola pública de ensino médio na cidade do Rio de Janeiro, e os desdobramentos decorrentes desta situação, a reação de estudantes, professores e funcionários da escola.

A peça, em um ato, está dividida em três quadros, que se passam na escola, a primeira e a última cena se passam na sala de aula e a segunda cena na parte externa, durante o intervalo. Escrevi o texto em cerca de três meses, a partir dos relatos dos participantes, do meu conhecimento sobre o autismo e neurodiversidade, e a partir de outras dinâmicas de cena que foram realizadas semanalmente durante as aulas com o grupo, sendo que o texto foi desenvolvido em paralelo a pesquisa da cena e a construção da encenação. Com relação ao registro de atuação se optou por abordar o tema através de uma convenção realista, no sentido de uma gestualidade próxima da realidade, pensando no mesmo sentido os elementos da encenação de maneira sugestiva, por exemplo, as cadeiras davam a noção de uma sala de aula e o que se passava na parte externa da sala era representado na frente do palco, no proscênio.

A montagem estreou em 01 de junho de 2017, no palco do Auditório Roxinho do Centro e Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), da UFRJ, no “Encontro de Artes Performáticas e (Neuro)Ciências”, evento organizado por Dorys Calvert e José Octavio, com palestras, debates e performances sobre a relação artes e ciência. A peça foi reapresentada em 24 de novembro de 2017, na Sala Roberto de Cleto da Escola de Teatro do Centro de Letras e Artes (CLA), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), por ocasião do “II Encontro ‘Circulando com Autistas’ - interfaces entre arte, universidade e saúde mental”, e na Reunião Anual dos Pais e Cuidadores do Instituto Priorit, em dezembro de 2017, na Cidade das Artes. No ano seguinte, foi encenada mais três vezes: em Nova Iguaçu, no Centro de Educação Algodão Doce, em 02 de junho de 2018, em Niterói, na programação do Simpósio sobre Autismo da Universidade Federal Fluminense (SAUFF), em setembro de 2018, e no evento O que Move Você, em celebração ao Dia da Pessoa com Deficiência, a convite da atriz Bel Kutner, na Cidade das Artes, em 23 de setembro de 2018.

Figura 2 – Após apresentação no II Encontro Circulando com Autistas, na Escola de Teatro, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), no Rio de Janeiro, em 24/11/2017.



Fonte: Acervo Pessoal

Esta é a sinopse da peça *Coé meu irmão, bulliyng aqui não!*, enviada para a sua divulgação na programação dos eventos onde foi apresentada:

O preconceito, a intolerância e o bullying são temas que motivaram os alunos de Teatro do Instituto Priorit para a criação desta peça. A partir de uma estrutura dramática convencional e da experiência pessoal dos participantes, a encenação coloca em foco as dificuldades que alunos neurodiversos enfrentam, por suas particularidades, para se socializar assertivamente. (Programação Circulando com o Autismo, 2017)

Ao final das apresentações geralmente se promovia um bate-papo com o público, momento em que os espectadores se manifestavam, através de elogios, comentários e perguntas, quase sempre a respeito do processo criativo da peça ou sobre as experiências do elenco na escola. Em Nova Iguaçu a peça foi apresentada para o corpo de professores de uma grande rede escolar, com a intenção de sensibiliza-los para tornar as aulas e o ambiente escolar, de um modo geral, mais acessível as pessoas neurodiversas.

Figura 3 – Depois da apresentação, no Centro de Educação Algodão Doce, em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, em 02/07/2018.



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bkv9BDuFWiP/?img_index=1
Acesso em: 5 jul 2024

Para concluir, cumpre destacar algumas ideias, noções e estratégias adotadas na criação e circulação teatral com o objetivo de vencer as barreiras que surgiam em todo este processo e tornar a experiência mais acessível a este grupo de pessoas neurodiversas. Nestas considerações se compartilhará, com base em um entendimento sobre neurodiversidade, autismo e acessibilidade, algumas observações de natureza atitudinal, comunicacional e pedagógica sobre este processo teatral com um grupo de autistas. Uma estratégia pedagógica escolhida neste percurso foi a de manter, tal qual ocorre em ambientes escolares e sociais, a presença de mediadores na montagem e circulação, função normalmente desempenhada por estudantes de psicologia, educação física ou cursos ligados a pedagogia, e que oferece suporte para a pessoa com autismo em sua autonomia e interação social. No início as mediadoras atuavam para manter a atenção dos participantes para as entradas e saídas e o texto, porém, com o tempo, elas construíram seus personagens e passaram a improvisar para manter a estrutura da peça.

Do ponto de vista atitudinal, para lidar com as dificuldades que surgiram com relação a decorar textos, por exemplo, se optou por adapta-los e reescreve-los junto a cada ator ou atriz, buscando sintetizar as ideias e imprimir um vocabulário mais acessível a realidade de cada um. Também se optou por deixar que alguns participantes fizessem as primeiras apresentações da peça com o texto na mão, especialmente os que tinham alguma questão relacionada a ansiedade, algo que com o tempo foi vencido pela maioria, pois cada um a seu tempo foi ganhando autonomia, memorizando a estrutura da peça e as falas. Do ponto de vista comunicacional, a apresentação prévia do plano de montagem e ensaios e o uso de uma linguagem simples, objetiva e concreta, na interação com o elenco, foi mais uma estratégia

assertiva para promover a participação efetiva deste grupo de autistas no projeto teatral – cumpre o diretor ou professor conhecer as características de cada participante para criar os meios de comunicação assertivos.

Esta comunicação acessível, muitas vezes auxiliada por recursos gestuais e desenhos, também auxiliou o grupo na compreensão da montagem e com relação aos seus personagens, por exemplo, primeiramente as instruções para a criação das cenas e personagens eram dadas com base em ações concretas, para depois disso buscar elementos subjetivos que pudessem ajudar os atores e as atrizes nesta mesma empreitada. Os elementos da encenação, em especial as visualidades, que operam de maneira sensorial e concreta, através dos objetos de cena e figurinos, foram também fundamentais para que os participantes começassem a elaborar seus personagens e a adquirir uma maior compreensão da encenação. Além disso, se notou a significativa melhora no desempenho do grupo como um todo, pois com o tempo eles adquiriram confiança, autonomia, habilidades de atuação e de improvisação que os ajudaram a assumir aos poucos o protagonismo da encenação sem necessidade de uma mediação – tal qual deve ser na vida social.

Por fim, esta experiência com pessoas neurodiversas nos mostra não só a importância da compreensão sobre a acessibilidade, mas também de tratar do tema da neurodiversidade na escola e a eficácia do teatro como um meio para atingir estes objetivos.

Referências

MOSER, Fabricio Goulart. Rascunhos sobre experiências com o teatro e o desenvolvimento de habilidades sociais no autismo. **IAÇÁ: Artes da Cena**, v. 5, n.2, p. 96-108, 2022. <https://doi.org/10.18468/iaca.2022v5n2.p96-108> Acessos em 5 jul. 2024.

RODRIGUES, Paloma. **Acessibilidade Cultural: articulações e reflexões na formação de professores em uma ação de extensão**. Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 9, n. 1, p. 39-46, 6 abr. 2018. <https://doi.org/10.24317/2358-0399.2018v9i1.6802>

SILVA, Micheline; MULICK, James A.. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 116-131, mar. 2009. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000100010&lng=pt&nrm=iso . Acessos em 26 jul. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Chamada para submissões para o Dossiê Especial de 2024, intitulado: "Desafios da Formação Profissional no Teatro Acessível - Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena". **Revista Artes de Educar**. Programa de

Pós-Graduação em Educação 17/04/2024.

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/announcement/view/1794> Acessos em 5 jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Conceito de Acessibilidade. **Acessibilidade.** Disponível em: <https://www.ufc.br/acessibilidade/conceito-de-acessibilidade> Acessos em 6 jul. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Programação. **II Encontro Circulando com Autistas – Interfaces entre Arte, Universidade e Saúde Mental.** Escola de Teatro. 23 e 24/11/2017. Disponível em: https://www.unirio.br/cursos-1/arquivos/noticias/copy2_of_PROGRAMACAOIIEncontroCirculandocomAutistas.pdf Acessos em 6 jul. 2024.